

A propósito da entrevista digital

06/07/2007

Cremilda Medina*

No ano passado, uma estudante da Faculdade de Comunicação Social da PUC de Porto Alegre propôs que discutisse a entrevista por *email* numa publicação experimental do Curso de Jornalismo. A Revista *Experiência (exp)*, publicada em julho de 2006, traz o resultado da pauta de Bárbara Chanin, sob o título "Monólogo Virtual". A síntese, como manda o figurino dos títulos na imprensa, revela também o conteúdo nuclear da breve análise da entrevista via Internet.

Bárbara parte do princípio de que a técnica "é ferramenta essencial do Jornalismo". Mas, como perspicaz estudiosa, a jovem estudante avança para além do currículo formal e busca a compreensão do *diálogo social*, que transcende a eficiência das perguntas e respostas colhidas junto às fontes da informação de atualidade. Assim, conhecendo meu livro – *Entrevista, o diálogo possível* (São Paulo, Editora Ática) –, me propôs debater as virtualidades da mídia digital para levar a efeito essa interação dialógica. Não se tratava de um texto de análise em suportes tradicionais, mas no próprio universo digital. Assim, me enviou por correspondência eletrônica as perguntas e enviei as respostas para o email de Barbara Chanin.

Na Internet, o jornalista contemporâneo encontra inúmeras e ainda não exploradas possibilidades de captar informações e criar *links* de aprofundamento dos conteúdos da contemporaneidade. A mediação jornalística (*autoral*), no entanto, não foi e provavelmente não será desqualificada, porque necessária para articular os sentidos atribuídos à realidade que nos cerca. A produção simbólica – e aí reside o fundamento epistemológico do Jornalismo – exige a figura da inteligência natural, o repórter-editor, para operar máquinas e tecnologias. As facilidades da inteligência artificial, cada vez mais veloz e complexa, não dispensam a mediação humana no processo em que se significam os dados objetivos pesquisados, os comportamentos sócio-culturais de onde emergem esses dados, o protagonismo dos sujeitos envolvidos nos acontecimentos e os diagnósticos e prognósticos dos especialistas que estudam as tendências históricas do presente.

O labirinto real, referência intransferível do Jornalismo, não se organiza simplesmente na entrevista como técnica tradicional ou, atualmente, como técnica digital. A estudante da PUC faz a pergunta: *Quais as maiores dificuldades de fazer uma entrevista por email?* Ao que de pronto (como manda a Internet) respondo: a entrevista internautica se atém a idéias ou conceitos, não capta ambientes, cheiros, cores, gestos, paladares. O meio não permite que se vá adiante nesta resposta, como, aliás, em qualquer outra apressada captação, por exemplo, por telefone. Mas em outro livro, perdoem a auto-referência, mostro na prática e exponho na reflexão teórica as várias ferramentas da *arte de tecer o presente* (título publicado pela Summus).

Assim, os alunos de Comunicação Social ou os alunos de pós-graduação de vários campos de conhecimento experimentam nas narrativas da contemporaneidade ou na pesquisa empírica a *observação experiência*, ferramenta que amplia a técnica burocrática da coleta de informações e dá margem à autoria solidária, rigorosa e criativa. No *contexto da experiência* do mundo vivo – verdadeiro cenário do repórter e do pesquisador –, a *coleta de depoimentos*, a *leitura cultural*, a busca de *informações históricas* e *específicas da atualidade*, em muito ultrapassa os limites da entrevista. A arte de tecer o presente aponta, portanto, para a múltipla capacidade de produzir significados: em síntese, resgata o protagonismo, se expande na contextualização sócio-cultural, pesquisa as raízes históricas e promove a escuta de especialistas sobre o tema

da pauta. Nesse processo de trabalho, o aparato de percepção e observação do produtor de sentidos é responsável pela ação criativa e transformadora da comunicação social.

Quando falo dos cinco sentidos, perceber o real pela escuta, pelo tato, pelo paladar, pela visão e pelo olfato, me reporto ao psicanalista colombiano Luis Carlos Restrepo (*O Direito à Ternura*, editora Vozes) que apresenta o contundente diagnóstico do analfabetismo afetivo com que vivemos profissional ou existencialmente. Sem o exercício pleno da inteligência humana, como adverte o neurocientista Antônio Damasio (*O Erro de Descartes*, Companhia das Letras), não se concretiza o *diálogo possível*. Nos cursos de pós-graduação, na ótica inter e transdisciplinar aplicadas desde 1988, resulta muito fértil a interlocução desses autores e o brasileiro Henrique Del Nero que, em *O sítio da mente, pensamento, emoção e vontade no cérebro humano* (editado pela Collegium Cognitio), põe em evidência a qualidade ética do exercício da inteligência natural.

Ora, como respondia a Bárbara, a entrevista internáutica se atém a idéias e conceitos, não capta ambientes, cheiros, cores, gestos, paladares. A entrevistadora pergunta precisamente, *qual a diferença quando a entrevista é feita pessoalmente?* Insisto: a entrevista, ou melhor, o diálogo possível, ao vivo e a cores é insubstituível. O que está presentificado e presenciado vai muito além do código lingüístico e até mesmo a força da palavra poética só emerge de um diálogo imprevisível no corpo a corpo. Esta resposta, no contexto dos laboratórios que desenvolvo na universidade, merece citações antológicas, pois a descoberta da palavra interativa na poética relação *Eu-Tu* (lembrando Martin Buber na obra *Do diálogo ao dialógico*, editora Perspectiva) atinge atos culminantes de aprendizagem. A passagem do comportamento mecânico ou estereotipado pelas regras de eficiência industrial, e agora na velocidade pós-industrial, para uma oficina de sensibilidade criativa ocorre numa verdadeira epifania didática. Nessa circunstância da oficina autoral até mesmo se recupera o desenho da caligrafia, o prazer epistolar do diálogo humano. A entrevista pré-pautada, em qualquer suporte tecnológico fica menor diante de formas vivas da interação social criadora.

Não se pretende aqui desqualificar a entrevista como ferramenta jornalística, mas discutir suas fragilidades quando guindada a coluna vertebral das narrativas da contemporaneidade. É fato que o jornalista aprende a entrevistar na delegacia, quando começa a sair à rua para fazer o jornalismo urbano dos fins do século XIX. Na rápida entrevista por *email* para a jovem gaúcha, faço certa caricatura: nem bem se aprendeu a entrevistar ao vivo – vivemos da técnica de trabalho do investigador policial – e já estamos usando a fôrma da Internet. É preciso começar do começo. Digo caricatura, porque há, no âmbito profissional, autores que criam todo o ambiente para o diálogo possível. Mas na generalidade das situações a fórmula Pergunta-Resposta (PR) sustenta a construção dos significados da atualidade. Discuti com meus alunos da Universidade de São Paulo um contraponto recente entre a habilidade de um narrador que inclui a fala do protagonista num conjunto de outras informações e aquele que se vale apenas da fórmula PR. Verônica Calheiros (mulher do senador Renan Calheiros), entrevistada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, e a jornalista Mônica Veloso (mãe da filha do presidente do Senado), entrevistada pela *Folha de S. Paulo*, casualmente no mesmo dia, 24 de junho de 2007, exemplificam as virtudes da narrativa do primeiro e os limites técnicos do segundo texto. Quando o autor cria um narrador (de terceira ou outras pessoas verbais), desenvolve o contexto, cria sutilezas, inclui informações que dão às "declarações" da fonte entrevistada uma polissemia aberta. No caso da pergunta e resposta, temos apenas declarações, "autorizadas" consciente ou inconscientemente.

A entrevista que se move exclusivamente no mundo dos conceitos e das idéias tem seu lugar garantido (inclusive por *email*, se o entrevistado aceitar o jogo) no universo auxiliar de diagnósticos e prognósticos sobre o tema da cobertura jornalística. Há cientistas que respondem sobre suas pesquisas, políticos que respondem dentro de seu âmbito ideológico, economistas que falam dos dados e tendências macro e micro sociais,

analistas que conceituam o esporte, a moda, a violência urbana, filósofos que se movem no mundo da abstração, críticos que avaliam as manifestações artísticas. Todos utilizam o código lingüístico para se expressar, ou seja, frases conceituais que provêm do mundo das idéias.

Já a reportagem, na sua estilística interpretativa, articula essas entrevistas conceituais com o protagonismo e contexto sócio-cultural numa narrativa autoral que põe em movimento a aventura humana. O resgate da cena viva exige a criação de um narrador que mostra dramaticamente o que se passa à sua volta. Para isso o autor da narrativa é um ser aberto aos demais códigos da experiência social que observa. Como eliminar o trânsito pelo mundo natural e substituí-lo pela entrevista digital? Até mesmo a busca de informações nos registros, na bibliografia e nos acervos de memória coletiva ou bancos de dados, não esgota a curiosidade que a interlocução corpo a corpo entre o jornalista e especialista desperta. O encontro e as respectivas trocas interativas estão longe de se assemelharem a frases entre aspas ou, o que é mais grave, à transcrição de informações sem o mínimo respeito aos direitos autorais.

Tudo isso escapa à ligeireza da entrevista por *email*, daí o sábio experimento da estudante da PUC de Porto Alegre. Ela reconhece que a mídia digital serve mais ao monólogo virtual do que à dialogia presencial. Nos currículos tradicionais, ao se fragmentar a técnica da entrevista, além de outras técnicas, se aliena a essência da comunicação social. A crise de paradigmas - em todos os campos de conhecimento - mostra a ruptura com a fragmentação e o reencontro com laços mais abrangentes da formação profissional. Estão na berlinda, inclusive, os departamentos dos cursos universitários. Quanto mais a setorização temática ou das técnicas operacionais. O cavalo de batalha na formação de um comunicador se desloca então para visão de mundo, descoberta e relação com o Outro. O que nomeio como *Signo da Relação*, título do mais recente livro (Paulus Editorial). Este vem substituir o signo da divulgação. Na prática democrática da comunicação social, não se trata de ampla difusão unidirecional dos significados da contemporaneidade, mas da pluralidade desses significados que sempre estão em conflito. O direito social à informação envolve no mesmo processo a demanda e a oferta simbólica. Para fazer circular as narrativas da contemporaneidade precisamos, sim, de máquinas complexas e velozes, mas mais ainda, de inteligências autorais que refundem um cosmo, interpretando o caos da realidade.

Os laboratórios de dialogia na escola formal ou na educação permanente abrem perspectivas de estudo que atravessam a ética, a técnica e a estética. Mas, diga-se de passagem, essa linha de pesquisa vem impregnada de diálogos interdisciplinares, de inquietudes transdisciplinares. Daí a importância dos encontros, seminários, painéis que o Projeto Plural e a Crise de Paradigmas (Universidade de São Paulo, a partir de 1990) proporcionou. Nessa experimentação quase tribal, embora descentralizada em eventos regionais e internacionais, acontece o milagre da dialogia. Ao perceberem impasses comuns, os especialistas de várias áreas de conhecimento, artistas e filósofos, se dão as mãos e tecem pautas comuns - transdisciplinares. Nesse signo da relação, que passa pela esfera analítica, o código lingüístico não preenche os quesitos necessários à partilha dos desafios. Ao contrário, a defesa conceitual das especialidades tende a uma Babel competitiva. O diálogo e a interação inter e transdisciplinar só emerge pela simpatia dos afetos, olho no olho, na proximidade humana. Quando o grupo de díspares disciplinados flagra os nós comportamentais e a visão de mundo perturbada perante dos espantos da contemporaneidade, fala mais alto o ato solidário, o laço das angústias dos diferentes. Para tanto, diria Camões, engenho e arte se juntam. A presença do artista, indisciplinado por natureza, eleva o tônus do cientista, facilita a negociação simbólica. Nada como a poética para transcender a impotência da História.

* **Cremilda Medina**, jornalista, pesquisadora e professora titular da Universidade de São Paulo, autora de onze livros, entre eles, *Notícia: um produto à venda* e *Entrevista, o diálogo possível*; é organizadora de mais de 40 títulos.